VISCONDE DE S. BOAVENTURA

A REVOLUÇÃO NO BRAZIL

LISBOA

1894

VISCONDE DE S. BOAVENTURA

A REVOLUÇÃO

NO

BRAZIL

LISBOA

1894

Ao Ill.mo Ex.mo Sr.

Visconde de S. Boa Ventura

Homenagem ao talento e ao caracter

ADVERTENCIA

Os artigos colligidos n'este folheto foram escriptos sem plano, ao acaso das impressões e a longos intervallos para um jornal de provincia, que sollicitava com instancia a collaboração do auctor.

O ALMIRANTE WANDENKOLK

Segundo um telegramma de origem particular, o almirante reformado Wandenkolk, preso em Santa Catharina e transportado, a bordo da canhoneira *Republica*, para o Rio de Janeiro, já deu entrada na fortaleza de Santa Cruz.

Com a noticia da sua prisão, espalhou-se na Capital Federal que seria condemnado á morte, como traidor á republica, para cujo estabelecimento aliás concorreu poderosamente.

Não nos parece natural que o marechal Floriano leve a tal extremidade o rigor com que é natural que proceda para

salvar o proprio prestigio e o do seu governo.

Wandenkolk, se tentou agora depôl-o, foi um dos que o collocaram na alta situação em que se acha, por meio d'um acto egualmente revolucionario.

Depois, a execução d'uma sentença de morte, por crime politico, longe servir de exemplo, teria, fatalmente, as consequencias mais funestas, excitando paixões e odios, já muito accesos; provocando represalias; prolongando, aggravada, a situação actual do Brazil.

Mas que personagem irrequieto e indecifravel, este sr. almirante Wandenkolk!

Como cavalheiro, não o ha mais insinuante, nem mais sympathico.

Como marinheiro, sempre ouvimos elogiar a sua bravura e os seus conhecimentos technicos.

Como politico, porém, é que não o comprehendemos, nem podemos definir.

A 15 de outubro de 1889, isto é, um mez antes da republica, o sr. Wandenkolk assistia, no Casino Fluminense, ao grande baile dado em honra da princeza imperial, para solemnisar as *bodas de prata* da augusta senhora. N'essa esplendida festa, mostra-se d'uma cortezia palaciana para com a herdeira presumptiva do throno e conversa por largo tempo, em cordial intimidade, com o presidente do conselho, o venerando sr. visconde de Ouro Preto, de quem, por toda a parte, se dizia amigo.

A 15 de novembro, isto é, um mez depois, o sr. Wandenkolk toma parte activa na sedição militar, que deita abaixo a monarchia e expulsa do Brazil a familia imperial e o primeiro ministro do imperador, o mesmo sr. visconde de Ouro Preto.

No governo provisorio é-lhe confiada a pasta da marinha.

Tudo fazia crêr que entre o marechal

Deodoro e o sr. Wandenkolk existissem — se não completo accôrdo de vistas sobre um ou outro assumpto — relações pessoaes inabalaveis, assentes em mutua estima e nas responsabilidades communs, quando se vê o sr. Wandenkolk entre os que apeiam do poder o sr. Deodoro e elevam o sr. Floriano!

Não decorre muito tempo e o sr. Wandenkolk conspira contra o sr. Floriano, pelo que é preso, reformado e remettido para um logar mortifero do Amazonas!

Do Rio ao Pará condul-o o mesmo paquete que transportou á Europa a familia imperial exilada...

Passam-se alguns mezes e o marechal Floriano concede amnistia ao sr. Wandelkolk e aos seus companheiros de conspiração.

O sr. Wandenkolk regressa ao Rio de Janeiro, entende-se com os federalistas do Rio Grande, e, um bello dia, parte para o sul, sob rigoroso incognito.

São deficientissimas as noticias da intervenção do sr. Wandenkolk no movimento revolucionario do Rio Grande. Nem mesmo se sabe se a sua aventura do vapor *Jupiter* estava convenientemente combinada com os chefes federalistas e obedecia a algum plano.

Dos laconicos telegrammas recebidos o que se infere é que o sr. Wandenkolk deu mais uma prova de que a bravura e a reflexão, a coragem e a prudencia nem sempre se encontram alliadas. . .

Mas qual o objectivo do sr. Wandenkolk em todas as suas voltas e reviravoltas?

Que quer, que pretende, quem é o seu homem e qual é o seu ideal?

Para nós, é um mysterio. Para alguns, o ideal do sr. Wandenkolk é a presidencia da republica e o seu homem é a sua propria pessoa.

Julho — 1893.

O IMPERADOR VINGADO

Dizia-nos hontem um amigo, com quem conversavamos sobre os acontecimentos do Brazil:

— O velho imperador, se fôsse vivo e se não fôsse, como era, um grande patriota, saborearia a esta hora o prazer dos deuses. Amando, porém, ardentemente o seu Brazil — e v. bem sabe como elle era brazileiro,— longe de exultar, estaria triste e compungido diante do espectaculo da patria desorganisada, em convulsões continuas, sem prestigio e sem crédito, banhada em sangue dos seus proprios filhos, confundida e nivelada com as mais irrequietas e mais insignificantes republicas sul-americanas.

Que, se não fôra o seu real e sincero patriotismo, elle teria razões de sobra para exclamar, radioso: — Estou vingado!

Os homens que mais contribuiram para a queda da monarchia e para a expulsão dos dois bondosissimos e venerandos velhos, que se sentavam no throno, ou teem tido um fim desgraçado, ou teem soffrido os mais amargos desgostos e os mais duros revezes.

Veja v: — Benjamin Constant, torturado por uma doença cruel, morre doido; Deodoro é martyrisado, ao mesmo tempo, pela enfermidade e pelas contrariedades moraes; elevado por uma sedição ao cargo de chefe do Estado, são os seus proprios camaradas que o derrubam, por meio d'outra sedição; na sua longa e medonha agonia não quer ver fardas militares — tal é o horror que lhes tem! — e, generalissimo do exercito, pede e recommenda á familia que o seu

cadaver seja vestido á paizana, declarando ser essa a sua derradeira e suprema vontade; Silva Jardim, o audaz agitador, exila-se, depois de soffrer dolorosas decepções, e, n'um passeio pela Italia, quando a contemplação das maravilhas da arte e da natureza lhe distráe o espirito das miserias da politica, e lh'o absorve e encanta, morre desastrada e pavorosamente no Vesuvio; Wandenkolk é desterrado para um clima mortifero do Amazonas e transportado, sob prisão, do Rio de Janeiro ao Pará, no mesmo vapor, que o governo provisorio, de que foi um dos membros, destinou ao transporte da familia imperial para a Europa; Quintino Bocayuva vê a sua reputação atassalhada, o seu nome arrastado pelas ruas da amargura, a proposito do tratado das Missões...[1]

[1] O folicularío Aristides Lobo, um dos ministros do governo provisorio, foi ultimamente recolhido ao hospital de alienados. Está doido furioso.

Já não quero falar de outros, que todos elles teem tido, se não horas de profundo arrependimento, horas de magoa e desanimo. Por outro lado, o paiz na tristissima situação em que se acha, deploravelmente governado, n'uma desorganisação calamitosa, tendo perdido a confiança de que até ha pouco tempo gosava no extrangeiro, luctando com as mais graves difficuldades e, ainda em cima, assolado pela guerra civil — guerra que ninguem sabe como nem quando acabará...

Não acha v. que D. Pedro II, que foi expulso do Brazil quando o cambio estava a 28, quando o paiz, em plena tranquillidade, prosperava de um modo espantoso, teria razão, se vivo fosse, para julgar-se vingado?

— Esse argumento do cambio não tem consistencia, observámos nós O cambio estava a 28, em virtude, especialmente, de emprestimos contrahidos em Londres

e a republica ainda não contrahiu nenhum...

— Porque não lh'o fazem, replicou o nosso amigo. Não é a primeira vez que ouço essa allegação em favor do governo republicano. É verdade que não tem augmentado a divida externa, mas isso não tem a importancia que se lhe quer dar.

Os paizes não são como os individuos, que quanto mais devem menos possuem. A França é a nação que actualmente tem maior divida e é, todavia, a mais rica.

— O meu amigo, é, como lá se diz, um *sebastianista* e por isso acha sempre razões para elogiar a monarchia e comprometter a republica.

— Está enganado. Não sou *sebastianista*. Sel-o-hia, se D. Pedro existisse. Morto o imperador, não sei se merecerá a pena restaurar o imperio. O que é preciso restaurar é o bom senso, a ordem,

a prudencia, o progresso, a tolerancia e a liberdade.

Vivi longos annos no Brazil, quero-lhe bem, desejo vêl-o prospero, tranquillo, respeitado, tendo emfim, na America do Sul, a hegemonia indiscutivel e indisputavel, que por todos os motivos lhe pertence.

Agosto — 93

A DESORGANISAÇÃO SOCIAL

A GUERRA DO SUL

(OPINIÃO D'UM RECEM-CHEGADO)

. . . . . .

— Então como vae aquillo por lá?

— De mal a peior.

— É uma pena... Um paiz tão vasto, tão rico, possuindo tantos elementos de prosperidade...

— Está em condições quasi identicas ás da Republica Argentina, do Uruguay, do Chili...

— Oh! isso tambem é exagero. V. é um pessimista.

— Não sou, creia. A situação da minha

patria é tristissima. Custa-me confessal-o, mas custa-me muito mais reconhecel-o.

— Mas qual é essa situação ?

— A d'um paiz completamente desorganisado; desorganisado sob todos os pontos de vista. . .

Já no tempo da monarchia, um dos males da sociedade brazileira era a falta de hierarchias, a democratisação excessiva, a confusão das classes. Com a republica esse mal aggravou-se espantosamente.

Chegou-se á anarchia. É verdadeiramente anarchico o estado actual da sociedade brazileira.

Não ha respeito porque todos se consideram eguaes; não ha ordem porque ninguem quer obedecer, todos se julgam com o direito de mandar.

Cito alguns casos symptomaticos:

Vae v. fazer a barba: o official aperta-lhe a mão com a maior sem-ceremonia e procura travar conversa com v. so-

bre o *sebastianismo*, sobre as causas da baixa do cambio ou sobre as diversas candidaturas á presidencia da republica.

Ai de v., se emmudece e franze o sobr'ôlho, em signal de surpreza e de desagrado!

Corre o risco de ouvir meia duzia de facecias de mau gosto e de ficar n'uma situação ridicula: a cara ensaboada e a barba feita apenas d'um lado. . .

Para a gente se servir d'um trem de praça, é preciso dirigir-se ao cocheiro em termos muito dôces, pedir-lhe com humildade, porque, do contrario, ouve alguma insolencia e tem de ir a pé.

Tão bom como tão bom — é a phrase que trazem, de continuo, na bocca os individuos de baixa condição.

Aqui tem v. os resultados d'uma republica, precoce e desastradamente feita.

A quantas pessoas ouvi eu dizer agora no Rio de Janeiro: — Isto tornou-se inhabitavel!

E tornou, realmente.

Mas, além d'esses resultados tristissimos, isto é, além da completa desorganisação da sociedade, temos a crise economica e a crise financeira, temos o descredito na Europa, temos as ambições desencadeadas e as paixões accêsas, e temos a guerra do sul.

— A proposito da guerra: — Qual é a sua opinião? O marechal Floriano, pois que é elle quem sustenta a lucta, vencerá ou será vencido?

— Não se póde prevêr com segurança o resultado do conflicto. O que é para desejar é que triumphem os federalistas e a maioria dos brazileiros não deseja outra coisa.

Está na consciencia de todos ou de quasi todos que só ha estas soluções para a crise em que está o Brazil: ou a restauração da monarchia ou uma republica parlamentar, accentuadamente conservadora, com a adhesão e a coopera-

ção dos estadistas do imperio, que são ainda os unicos homens de governo que o Brazil possue.

Ora, a victoria dos federalistas dar-nos-ha uma coisa ou outra.

— Mas Ouro Preto, João Alfredo, Lafayette, Candido de Oliveira, Antonio Prado, Ferreira Vianna, Joaquim Nabuco, Rodolpho Dantas, Affonso Celso, o visconde de Taunay, Duarte de Azevedo e os outros servidores da monarchia sahirão do seu retrahimento e prestar-se-hão a governar, sob outro regimen?

— Prestam. Antes de tudo e acima de tudo, esses homens são patriotas e, desde que se appelle para o seu patriotismo, póde contar-se com elles. Depois, n'esse appêllo, irá uma satisfação plena, que dissipará os resentimentos, que por ventura tenham.

. . . . . .

Agosto — 1893.

A MONARCHIA NO BRAZIL

I

Os jornaes republicanos, especialmente o *Seculo* e a *Voz Publica*, teem dito umas coisas muito engraçadas a proposito das naturaes sympathias que a imprensa monarchica do paiz manifesta pela restauração da monarchia no Brazil.

No entender das alludidas gazetas, os jornalistas monarchicos deviam, tratando do Brazil, abafar as suas convicções, occultar os seus sentimentos, abandonar os seus principios e applaudir, applaudir sempre e sem restricção, applaudir com enthusiasmo, embora ficticio, a desgra-

çadissima republica, que, em menos de quatro annos, reduziu ao triste e vergonhoso estado, em que o vemos, o mais vasto, o mais rico, o mais prospero e o mais acreditado dos paizes sul-americanos!

E deviam proceder assim os escriptores monarchicos portuguezes porque a republica brazileira é muito capaz de levantar uma barreira aos nossos productos, de retirar a Portugal o mercado do Brazil!

Mais ainda: os republicanos brazileiros, contrariados e offendidos pela attitude — aliás perfeitamente legitima e impeccavelmente correcta — da imprensa monarchica portugueza, [1] são capazes de

[1] É para notar que no Brazil se irritem facilmente os animos com qualquer commentario inoffensivo da imprensa portugueza a occorrencias d'aquelle paiz, ao passo que são lidas com apparente indifferença e não chegam a provocar protestos as durezas e, por vezes, as insolencias que os jornaes francezes e inglezes dirigem aos brazileiros.

romper em fera hostilidade contra a honrada e laboriosa colonia portugueza, de exercer crua vingança nas pessoas dos nossos compatriotas residentes no Brazil!!

Lá do que é capaz o despotico e sanguisedento Floriano e do que é capaz a jacobinagem brazileira estamos nós fartos de saber.

N'esse ponto confessamos-nos de pleno accôrdo com o *Seculo* e com os outros jornaes republicanos: Floriano e a sua gente são capazes de tudo. Que o diga o altivo estado do Rio Grande do Sul. . .[1]

Pois o Brazil não tem razão para ser mais tolerante com a França e com a Inglaterra que com Portugal.

[1] Opinião de um distincto brazileiro, de idéas republicanas, a respeito da interferencia de Floriano Peixoto no conflicto do Rio Grande do Sul:

«Le vice-président a porté un coup plus nuisible encore à l'indépendance des Ètats, en embrassant le parti des politiques de Julio de Castilhos, qui, après un échec humiliant, est venu, repentant, offrir son appui au chef de l'Ètat. Et si celui-ci, dont l'état maladif était bien connu dés avant son avènement,

Que o diga o Brazil inteiro, confrontando a sua situação actual, as pavorosas circumstancias do presente, com a paz, a ordem, a liberdade, o credito e o florescimento de ha meia duzia d'annos...

Mas, por ser capaz de todas as iniquidades, de todas as inepcias e de todas as violencias a gente que hoje — por mal d'elle — governa no Brazil, não se segue que nós devamos dar palmas a essa gente, que arruinou e desprestigiou o seu paiz, que tem calcado aos pés o proprio ideal republicano, que está affrontando cynicamente a civilisação.

Floriano ha de cahir fatalmente, ha de cahir como cahem todos os despo-

avait reconnu que son patriotisme l'avait mal inspiré et présenté une démission honorable, il aurait, par cet acte de dévouement á la Patrie, procuré la paix de l'état du Rio Grande, au lieu d'y déchainer la guerre. — *Influence de l'esclavage et de la liberté*, par le Dr. Domingos Jaguaribe. Bruxelles, 1893.

tas; o seu dominio não póde prolongar-se por muito tempo.

Foi a traição — traição negra — que o elevou ás culminancias do poder: a sua propria consciencia ha de atormental-o e é bem provavel que elle já tenha visto em sonhos um braço *amigo* a vibrar-lhe o golpe que o subjugue e prostre. . .

Não ha, pois, a temer as represalias com que a imprensa republicana procura ridiculamente amordaçar-nos.

Além de monstruosamente iniquas, taes represalias seriam ephemeras.

É natural e nada tem de estranhavel que os monarchistas portuguezes desejem a restauração da monarchia no Brazil, assim como os republicanos brazileiros desejam, naturalmente, a implantação da republica em Portugal.

N'isso não ha nada de offensivo para a nação irmã.

Pelo contrario, nós, fazendo votos pelo restabelecimento d'uma fórma de gover-

no que reputamos a melhor e que deu ao Brazil um longo periodo de tranquillidade e constante progresso, demonstramos a profunda magoa que nos causa o espectaculo desolador que o Brazil está offerecendo e conseguintemente o amor que consagramos a esse formoso paiz, onde vemos garantida a perpetuidade da nossa lingua e das nossas tradicções.

Os jornaes republicanos é que, occultando ou applaudindo os excessos e os despropositos dos detestaveis governos que se teem succedido no Brazil, depois da mudança das instituições, provam que lhes é indifferente a sorte do povo brazileiro, que a sua questão é apenas de rotulo, que a tyrannia, para elles, só é tyrannia, quando exercida por alguem que empunhe um sceptro e cinja uma corôa.

Os amigos do Brazil somos nós.

Novembro — 93.

A MONARCHIA NO BRAZIL

II

Monarchistas convictos, em nossa terra; não julgando por nenhuma fórma incompativel o throno com a liberdade e o progresso, é claro que, de quantas soluções possam ser apresentadas para o terrivel conflicto que actualmente dilacera o Brazil, é a restauração do imperio a solução que mais nos satisfaria e que mais desejamos.

E estamos inabalavelmente persuadidos de que, restaurada a instituição monarchica, que uma repugnante e odiosa sedição das casernas derrubou de surpreza, o Brazil readquiriria em curto lapso de tempo o credito perdido, entrando

logo n'um periodo de paz e de prosperidade.

Não é, porém, só em virtude dos nossos principios politicos e em razão da confiança que temos no prestigio da monarchia e no valor dos homens que naturalmente a serviriam e que hoje estão afastados da gestão dos negocios publicos, sendo aliás os unicos homens d'estado que o Brazil possue; não é só por espirito partidario que fazemos os votos mais fervorosos pelo restabelecimento do imperio.

É tambem por patriotismo.

Poucos dias depois de proclamada a republica, um publicista republicano dizia n'um dos primeiros orgãos da imprensa fluminense que, rôto o ultimo elo que prendia o Brazil á velha metropole, a *obra* não estava ainda completa: restava annullar a influencia e o dominio d'esse *perigoso estrangeiro*, que continuava a ir alli *para encher os galeões de*

El-Rei; em termos mais positivos, era preciso ainda, para que o brazileiro respirasse livremente, destruir a preponderancia do elemento portuguez, collocando a colonia lusa em condições de absoluta inferioridade.

Isto, encarado sob qualquer ponto de vista, é inepto e ridiculo, porque o portuguez não faz sombra ao brazileiro, é o unico estrangeiro que se affeiçôa cordialmente ao Brazil, de cujo desenvolvimento tem sido poderosissimo collaborador, e reune qualidades que o tornam o mais apreciavel e o mais util dos immigrantes europeus que o Brazil recebe.

Todavia, como o publicista alludido pensa toda a jacobinagem brazileira, pensa uma boa parte dos republicamos d'aquelle paiz.

Os republicanos portuguezes tiveram uma prova irrecusavel da má vontade dos seus correligionarios brazileiros, con-

tra tudo o que diga respeito á nossa patria, na resposta que Ruy Barbosa, quando ministro da fazenda do governo provisorio, deu ao emissario que lhe foi pedir *auxilio* para se fazer a republica em Portugal. . .

Dados, pois, os sentimentos hostis da da gente da republica, o portuguez, verdadeiramente patriota, só deve e só póde, em face da situação actual do Brazil, onde temos avultadissimos interesses moraes e materiaes, desejar que volte amonarchia, que, devemos crel-o, salvaguardará sempre esses interesses.

Com a monarchia é de esperar que nunca o Brazil celébre tratado de qualquer natureza que. favorecendo outra nação, prejudique Portugal.

Com a republica. . . falla-se ameaçadoramente n'um tratado de commercio com a Italia, cuja concorrencia nos deve atemorisar, porque a Italia tem produ-

ctos eguaes aos nossos e a sua producção é enorme.

Semelhante tratado seria um desacerto do governo brazileiro e uma verdadeira calamidade para nós.

Digam-nos agora o *Seculo* e a *Voz Publica* se a imprensa monarchica portugueza commette realmente um erro, mostrando-se sympathica e prestando o seu apoio á idéa da restauração.

Erro, mais do que erro — crime, perpetram os que estão promptos a sacrificar a patria a um rotulo politico, os que encobrem e ás vezes até tentam justificar as violencias, as miserias e os desmandos da republica. . , só porque é a republica que os pratica.

Os patriotas somos nós.

Novembro — 1893.

CONFRONTO

Continúa no poder Floriano Peixoto.

Isto quer dizer: continúa a ser desgraçadissima a situação do Brazil.

Desgraçadissima, sob todos os pontos de vista: financeira, economica e politicamente.

O Thesouro absolutamente exhausto; o governo, sem recursos e sem credito, lançando mão de expedientes criminosos; o commercio aterrado diante das fallencias successivas; a industria paralysada; a guerra, com todo o seu cortejo de horrores, fazendo victimas sem conta, espalhando a dôr e o lucto, consumindo sommas fabulosas, precipitando o paiz n'um abysmo pavoroso; as prisões atulhadas

de patriotas; a imprensa honesta amordaçada; os direitos individuaes conculcados; os odios e os preconceitos excitadissimos; a lei e a liberdade substituidas pelo arbitrio e pela violencia!

Eis a obra de Floriano, que, depois de ter trahido velhacamente a monarchia, [1] está trahindo cynicamente a republica, empregando meios fraudulentos para arranjar dinheiro e commettendo, de continuo, actos do mais feroz despotismo.

E, ao que parece, o bronco e desalmado mestiço olha para o medonho espe-

[1] Floriano exercia o elevado cargo de ajudante-general do exercito — cargo de immediata confiança do governo — quando se proclamou a republica. Dois ou tres dias antes de rebentar a sedição, dizia elle em carta ao presidente do conselho de ministros que respondia com a sua cabeça pela tranquillidade e pela ordem, assegurando ter elementos de sobra para suffocar qualquer tentativa revolucionaria.

A maneira por que se desempenhou d'este compromisso e por que correspondeu á confianca n'elle depositada foi recusando-se a mandar fazer fogo contra os revoltosos e, por fim, bandeando-se com elles.

ctaculo da patria com o mesmo sorriso bestial com que Nero, do alto da torre, contemplava o incendio de Roma...

O Brazil sou eu! — diz lá comsigo este Luiz XIV de goiabada. Se eu não posso viver por muito tempo, que me importa o aniquilamento geral?

* * *

Compare-se o estado presente do Brazil com o seu estado anterior á sedição militar, que desthronou o sr. D. Pedro II.

Como tinha credito n'esse tempo a grande nação sul-americana! Como era espantoso o seu desenvolvimento! Com que assombrosa rapidez pequenas aldeias se transformavam em cidades populosas! Com que facilidade se construiam caminhos de ferro e o capital acudia á constituição de emprezas, ainda as mais arrojadas! De que liberdade se gosava e co-

mo a liberdade era respeitada! Como o estrangeiro, hoje amesquinhado e perseguido, se sentia então bem no Brazil, a ponto de o amar como se fôra a sua propria patria! Como eram honrados os estadistas do imperio, alguns dos quaes ainda vivem, pobremente, como sahiram do poder! De que elevado conceito e sincera veneração gosava em todo o mundo o velho imperador! Que probidade a sua! Que espirito esclarecido! Que soberano tolerante e liberal!

Confronte-se o Brazil de hoje com o Brazil de ha meia duzia d'annos, veja-se o que vae pelas republiquetas hespanholas e reconhecer-se-ha a verdade d'este conceito d'um jornalista francez:

«Com o throno do sr. D. Pedro II desappareceu a unica republica da America do Sul.»

*

* *

Tudo leva a crêr que só a monarchia ou uma republica sem republicanos, como Thiers a queria para a França, restituirá ao Brazil a paz, a ordem e a liberdade.

Todavia, acima da questão de fórma de governo, está a angustia do povo brazileiro, angustia que se tem prolongado cruel e tragicamente.

Fique a republica, mas desappareçam os tyrannos, cesse a tortura, restabeleça-se a harmonia, voltem os dias risonhos e tranquillos, salve-se a nação!

Janeiro — 94.

SEBASTIANISMO

I

Sebastianistas — é como a jacobinagem de cá e de lá chama aos que desejam a restauração — ou em obediencia ás suas convicções politicas ou porque, pondo de lado a politica, são forçados a reconhecer que a monarchia era a ordem e que a republica tem sido a mais completa e a mais calamitosa desordem.

Sebastianistas! Mas sebastianistas porque?

Os que confiavam na volta do senhor rei D. Sebastião eram uns ingenuos e ao mesmo tempo uns fanaticos, chegando por ingenuidade e fanatismo a crêr fir-

mente no impossivel — a reapparição d'um morto.

E não havia desilludil-os, porque a sua crença era cega e inabalavel.

Mas onde está a impossibilidade da restauração da monarchia no Brazil?

— Um throno é uma excrescencia na livre America, dizem os fazedores de phrases ôccas.

Tambem, pela mesma razão, uma republica seria um disparate e uma desharmonia na Europa e não obstante a Suissa foi por muitissimos annos a unica republica européa.

As tradicções do Brazil são monarchicas e a grande maioria da população brazileira era pela monarchia até á sedição militar de 15 de novembro de 1889.

Sel-o-ha ainda?[1]

[1] Nunca os governos portuguezes foram tão importunados com sollicitações de mercês honorificas para cidadãos brazileiros como depois da republica. Um dos ultimos ministros do reino chegou a ter

Com muito mais razão, porque a republica tem sido uma verdadeira desgraça. A experiencia está feita, estão dadas as provas.

A monarchia fez do Brazil, paiz selvagem, uma grande nação civilisada; a republica, dentro de poucos annos, reduziu o Brazil civilisado ás tristissimas condições em que se encontra.

Contra factos não ha argumentos.

Como póde, pois, o povo brazileiro preferir a republica á monarchia?

É certo que não reagiu contra a fatal aventura de Deodoro — o que foi um erro, cujas consequencias está soffrendo.

Não reagiu, porque se intimidou á vista da força armada, mas nem applaudiu

nota de mais de 600 pretensões de titulos e *crachats* para o Brazil.

Isto depois de promulgada a constituição brazileira, que extingue definitivamente todas as honrarias!

nem acceitou sem intima contrariedade a transformação politica.

Esta é que é a verdade.

Quando o velho imperador partiu para o exilio, á parte a soldadesca victoriosa e a republicanagem declamadora, todos os corações se confrangeram, não houve quem não sentisse os olhos humedecidos de lagrimas.

Agora mesmo, o primeiro cuidado e o primeiro desejo do brazileiro que chega pela primeira vez a Lisboa é ir a S. Vicente de Fora visitar as cinzas de Pedro II, render ao cadaver do esclarecido e liberalissimo soberano a homenagem do seu respeito. E raro é aquelle que soffreia o pranto; e, entre os que lá teem ido, contam-se não poucos funccionarios da republica. . .

Tudo isto é muito significativo.

Onde está a impossibilidade da restauração da monarchia? repetimos.

É preciso que se saiba entre nós que

a idéa republicana surgiu, no Brazil, d'um despeito repugnante.

Foi em 1871, quando o imperador resolveu dar execução ao seu nobilissimo pensamento de estancar a fonte da escravidão, que se principiou a fallar em republica e que se tratou de organisar um partido republicano — em acinte á corôa.

Até ahi, se existia alguem que fallava em republica, era um mero devaneador, um visionario.

E, mais tarde, o que engrossou as fileiras republicanas foi a plena adhesão do throno á causa da libertação dos escravos.

Eis a origem do movimento republicano e eis o motivo por que esse movimento chegou a ter uma certa importancia no tempo do segundo reinado.

Declararam-se republicanos os que queriam a perpetuidade da escravidão, que lhes garantia a ociosidade e a rique-

za. Não tendo outro meio de manifestarem o seu desgosto pelas sympathias e pelo impulso que a idéa redemptora encontrava no Paço, punham-se ridicula e inconscientemente a gritar *Viva a republica!* os mais deshumanos senhores de escravos, os mais intransigentes e ferrenhos conservadores!

A abolição fez-se sem abalo, o despeito foi-se dissipando e hoje tudo faz crêr que taes *republicanos* estejam profundamente saudosos da monarchia e arrependidissimos da força moral que déram aos que — em hora funesta para o Brazil — a substituiram.

Não ha duvida que a indole brazileira, assim como é fundamentalmente generosa, é essencialmente democratica.

Mas a monarchia harmonisava-se perfeitamente com os sentimentos do povo, levando a familia imperial a sua simplicidade e a sua lhaneza talvez ao excesso.

É possivel que, se o throno não fosse

tão accessivel e se cercasse de apparato theatral, infundisse maior respeito...

A verdade é, porém, que não existia a minima incompatibilidade entre a instituição monarchica e os sentimentos democraticos da nação.

Voltaremos ao assumpto, mas o que deixamos dito parece nos ser já sufficiente para demonstrar que é irrisorio e inepto o qualificativo de sebastianistas, dado aos que trabalham pela restauração, aos que crêem n'ella e aos que a desejam

Que, se o fossem, se realmente estivessem obcecados, como os que esperavam a volta d'el-rei D. Sebastião, não deixariam de ser os melhores patriotas e os verdadeiros amigos do Brazil.

Aquella republica tem sido um desastre, uma vergonha, um horror.

O SEBASTIANISMO

II

Se a republica tivesse sido um bem para o Brazil, se fosse evidente a superioridade da administração republicana, se as novas instituições tivessem dado manifesto impulso ao progresso intellectual e material do paiz, se as condições da sociedade brazileira tivessem melhorado sensivelmente, comprehender-se-hia o epitheto de sebastianistas, applicado aos que pensassem em restauração.

Até se lhes podia — o nosso monarchismo não é intransigente — e devia chamar nome mais feio, porque, afinal de contas, a questão de fórmas de governo é, talvez, uma questão byzantina, como dizem muitos: o que um povo deve querer é que o governem bem e, visto que a republica governava melhor que a mo-

narchia, a idéa restauradora, além de desasizada, seria criminosa.

Mas o governo republicano tem sido desastrado em tudo e por tudo: se o Brazil não fosse tão grande e tão fecundo, se não contivesse tantas riquezas, algumas das quaes ainda absolutamente inexploradas, se não fosse um paiz de tão extraordinarios recursos, estaria a esta hora arruinado para sempre.

Até falta completa de homens — de homens habeis, está claro,— tem havido com a republica.

De ordinario, as revoluções põem em evidencia capacidades que até alli eram desconhecidas, lançam a luz sobre individuos, até então obscuros, que aproveitam o ensejo de revelar-se e que, pelo seu merito real, são logo chamados para as posições dirigentes.

A revolução brazileira ainda não deu um homem superior.

Á excepção de Custodio José de Mel-

lo, que, revoltando-se com uma grande parte da marinha contra o funesto e prepotente governo de Floriano, manifestou uma singular energia, de par com o mais alevantado civismo, e á excepção de Ruy Barbosa, que já vinha da monarchia e cuja pujança intellectual é indiscutivel — a galeria dos improvisados ministros de Deodoro e de Floriano compõe-se de mediocridades e, o que é peor, de nullidades pretenciosas e atrevidas.

Figura entre elles até um simples procurador de causas em terra quasi sertaneja, um homem sem estudos nem tirocinio administrativo, um mero galopim eleitoral — o sr. Francisco Glycerio!

O proprio Benjamin Constant, como ministro, não fez nada que justificasse a reputação que lhe crearam. Foi a expressão mais completa da insignificancia.

Os seus discipulos e os seus protegidos glorificaram-lhe o nome, mas essa glorificação tem de ser ephemera, por-

que não ha actos nem obras que a amparem e documentem.

O mestre abalisadissimo, o pensador insigne, o philosopho genial, o sabio prodigioso, que preparou para a republica a mentalidade das novas gerações, começava por desconhecer a lingua e a grammatica portugueza!

Escrevia e fallava deploravelmente, qual um capadocio bahiano.

Se alguma vez se lhe deparou o conselho de Boileau

Sans la langue... l'auteur le plus divin
Est toujours, quoi qu'il fasse, un méchant écrivain,

sorriu desdenhoso, sacudiu os hombros e não lhe deu a minima importancia.

Os seus despachos, os seus avisos e os seus regulamentos, quando secretario de estado, alliam á chateza e banalidade da essencia a incorrecção monstruosamente barbara da fórma.

Lêra Auguste Comte, fanatisára-se pelas suas doutrinas, preleccionava, da cadeira de lente, o positivismo, confraternisava com os discipulos: d'ahi a reputação que alcançou.

Como espirituosa e sensatamente escreveu algures o sr. Eduardo Prado, os emblemas a collocar na sepultura do general Benjamin Constant são um livro em branco e uma espada embainhada: livro que nunca escreveu, espada que nunca esgrimiu.

Ora, ao passo que a republica apresenta esta completa falta de homens de governo, a monarchia, se fosse restaurada, encontraria immediatamente estadistas de pulso a quem confiar a administração.

O visconde de Ouro Preto, que, durante o seu exilio, recebeu na Europa, especialmente na Inglaterra, as mais inequivocas e valiosas demonstrações de apreço, chegando alguns dos mais opu-

lentos e acreditados banqueiros de Londres a dizer-lhe que, se algum dia elle voltasse a gerir as finanças brazileiras, empregariam todos os esforços para que os titulos do Brazil readquirissem a cotação que tinham antes da revolta de Deodoro; o conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira, o politico sagacissimo, o jurisconsulto eminente, que, no *Direito das cousas*, uma obra monumental, deixou affirmadas a vastidão do seu saber e a superioridade do seu espirito; o conselheiro Candido de Oliveira, que é tambem um jurisconsulto notavel e que, tanto no parlamento como no governo, demonstrou, no tempo do imperio, aptidões excepcionaes; Silveira Martins, o tribuno rio-grandense, que dispõe de duas grandes forças — a da sua palavra vibrante e persuasiva, inspirada sempre por um patriotismo ardente, e a da sua vontade inquebrantavel; o dr. João Mendes de Almeida, uma summidade na ju-

risprudencia e na politica ; um erudicto; um fiel imperterrito da monarchia ; o homem que defendeu na imprensa e na camara e que depois regulamentou a lei que declarava livres os nascituros da mulher escrava ; Affonso Celso, cujo talento fulgurante era o orgulho da sua geração academica e cujo caracter altivo e nobilissimo faz honra á mocidade brazileira ; Antonio Prado, o ministro que teria referendado a lei da libertação incondicional dos escravos, se uma doença pertinaz o não retivesse no leito ; o homem a quem a imprensa de S. Paulo chamou, em tempo, *o grande paulista*, como em França se chama *o grande francez* ao velho Lesseps, e que na realidade merecia essa denominação pela sua iniciativa incançavel e ousada, pelo concurso moral e material prestado a innumeras emprezas, pelo muito que contribuiu para o desenvolvimento, devéras assombroso, da sua provincia natal ; Carlos de Laet,

um vulto do jornalismo e da litteratura, um polemista eximio, uma intelligencia de primeira ordem, uma illustração variadissima e, além de tudo isso, a personificação da lealdade partidaria; o almirante Saldanha da Gama, o bravo marinheiro, tão digno dos seus appellidos illustres; João Alfredo Corrêa de Oliveira, o companheiro do visconde do Rio Branco em 1871, o reformador do ensino das escolas superiores, o presidente do gabinete libertador; Carlos Affonso, Ferreira Vianna, Joaquim Nabuco, Silva Costa, o visconde de Taunay, Rodolpho Dantas — eis, entre muitos outros, todos de valor provado, os homens com que poderia contar a monarchia.

São elles, sem sombra de duvida, a *élite* intellectual do paiz, os primeiros homens do Brazil, os mais competentes para o levantar do abatimento actual, reorganisal-o e restituir-lhe o credito.

Se esta verdade é reconhecida e con-

fessada pela maioria da população brazileira, porque descrêr da possibilidade de uma restauração?

Pois não é muito natural que, á vista do horror que por là vae, ella chegue mesmo a impôr-se, como ultimo recurso salvador?

Onde, portanto, a obcecação sebastianista?

* *

—As antigas provincias, hoje estados, não prescindiriam mais das regalias que lhes deu a republica e essas regalias são incompativeis com a monarchia, dizem os que não admittem que se pense em restauração.

É o seu grande argumento, o baluarte inexpugnavel dentro do qual se refugiam.

Os estados cederiam de bom grado as taes regalias, mais ou menos ficticias, em troca da paz e da ordem. A monarchia,

porém, não tinha necessidade de retirar-lh'as: o que tinha era a necessidade de organisar mais racional e equitativamente a federação brazileira.

Um escriptor brazileiro, francamente republicano, o sr. dr. Domingos Jaguaribe, que ultimamente publicou um livro intitulado *Influence de l'esclavage et de la liberté*, diz n'esse livro (pag. 5):

«Au point de vue des avantages pour le bien-être des citoyens, la République n'a pas donné la paix et la prospérité attendues, mais la faute en est á la fédération, qui a établi des états sans avoir les ressources suffisantes pour assurer leurs progrès.»

Ora aqui está a belleza da federação republicana.

E quanto á incompatibilidade da instituição monarchica com a autonomia das provincias, a prova de que não existe é que o partido liberal monarchista reclamava essa autonomia e que um grande

numero de deputados do mesmo partido chegou, no tempo do imperio, a apresentar á camara um projecto largamente descentralisador.

* * *

Como tinha razão José do Patrocinio, quando, n'uma das suas memoraveis conferencias abolicionistas, apostrophava os republicanos, que lhe dirigiam apartes insidiosos!

«A minha questão, exclamava elle, não é de republica: a minha questão é de liberdade! Venha a republica, se a republica póde alargar a liberdade do povo brazileiro. Mas eu desde já faço este voto:— que a republica seja tão tolerante, tão generosa, tão liberal como esta monarchia em que vivemos e onde é mais facil pedir a cabeça da princeza imperial que o *cache-nez* do sr. Saldanha Marinho!»

TENDENCIAS AMERICANISTAS

A famosa doutrina de Monröe começou a propagar-se no Brazil e a ter defensores ardentes depois da sedição militar de 15 de novembro.

Os nativistas, os que sempre viram com maus olhos o europeu, abraçaram-n'a facilmente, porque se harmonisava á maravilha com os seus sentimentos e com os seus preconceitos.

E tão rapidamente iam engrossando as fileiras dos proselytos das egoisticas idéas do celeberrimo presidente dos Estados-Unidos que o sr. Eduardo Prado, um espirito emancipado e esclarecidissimo, um patriota sincero e sensato e um

escriptor primoroso, publicou um livro, combatendo-as e procurando demonstrar que os brazileiros commetteriam o mais deploravel e o mais funesto dos erros, se porventura as adoptassem.

Apesar de não atacar a pessoa de Floriano nem de excitar os animos contra o seu governo, esse livro, que tem por titulo *A illusão americana*, foi apprehendido pela policia, algumas horas depois de ter sido posto á venda.

Conhecemol-o apenas pelas succintas noticias d'alguns jornaes de S. Paulo, não o chegámos a lêr, mas cremos—dado o talento e dada a illustração do auctor, que já percorreu a America do Norte e que conhece bem o caracter dos *yankees*—que é um trabalho irrefutavel, cheio de considerações valiosissimas e de observações pessoaes de grande alcance.

Vejamos muito pela rama a questão.

De que precisa o Brazil para florescer,

para tornar-se uma grande nação, sob todos os outros pontos de vista, como o é territorialmente?

De braços e de capitaes.

Restabeleça-se a ordem e, com esses dous elementos, o Brazil progredirá assombrosamente, será, em curto lapso de tempo, um dos primeiros paizes do mundo.

As suas riquezas mineraes e vegetaes chegam a parecer fabulosas e não ha solo mais fecundo do que o solo brazileiro.

Ora os Estados Unidos não podem fornecer-lhe braços, porque os não teem de sobra.

Teem, ao contrario, carencia, continuando a attrahir a immigração da Europa e de varios pontos d'Africa e até a servir-se do trabalhador chinez.

Fornecer-lhe-hão capitaes? É certo que o podiam fazer, mas é certo tambem que não o farão, porque isso não está

na indole americana, porque o *dollar* decididamente não emigra.

No Brazil, já deve existir a convicção de que é inutil contar com os Estados Unidos para operações financeiras. As varias tentativas feitas para chamar áquelle paiz o dinheiro americano teem sido absolutamente baldadas.

Quando se fundou no Rio de Janeiro o *Banco Brazil Norte-America*, tinha-se por certo que metade do capital iria dos Estados Unidos, havendo promessa positiva n'esse sentido.

Pois quem prometteu, faltou, sem escrupulos e sem ceremonias.

Claro é que os dois elementos essenciaes ao progresso brazileiro — braços e capitaes—não os proporcionarão os Estados Unidos ao Brazil: o primeiro porque não podem, o segundo porque não querem.

Esses elementos, que são imprescindiveis, só a Europa lh'os póde fornecer,

como tem feito até hoje. Que vantagem, que interesse, que conveniencia ha de, pois, levar o Brazil a enfeudar-se aos Estados Unidos, fazendo causa commum com elles? Se o Brazil tem condições para vir a ser um rival poderoso, e é porventura admissivel que acceite uma suserania humilhante — resultado fatal do seu afastamento da Europa e da sua ligação com os norte-americanos?

E, depois, a origem (que não se póde annullar), a raça, os costumes, a religião, as idéas, os sentimentos, assim como os interesses e as aspirações, tudo é differente, tudo é antagonico entre os dous povos.

*
* *

Illusão chamou o sr. Eduardo Prado ás tendencias americanistas, que se teem manifestado sob a republica.

A nós afigura-se-nos loucura.

PALAVRAS NECESSARIAS

A imprensa florianista de cá e de lá e, como ella, os asseclas do Balmaceda brazileiro, ao passo que cobrem de baldões o grande patriota Custodio José de Mello e todos os revolucionarios, acoimam descaradamente de inimigos e detractores do Brazil os jornaes e os individuos que teem a franqueza e a coragem de externar a aversão que sentem pela pessoa de Floriano e pela sua politica desorientada e violenta.

É um estratagema grosseiro, que tem por fim, confundindo o homem, que hoje

dispõe do poder, com a collectividade nacional, impedir as manifestações hostis a esse homem funesto, que por todos os meios tem procurado cavar a ruina do Brazil e que conseguiu — triste gloria! — dar á grande nação sul-americana os dias mais amargurados e mais luctuosos da sua historia.

Não ha espirito lucido que acceite semelhante confusão: detestar Floriano e amar o Brazil são sentimentos, que, longe de se contradizerem, se harmonisam maravilhosamente.

O que não se comprehende com facilidade é que haja quem se diga amigo dos brazileiros e do seu formoso e abençoado paiz e até quem deva ser infinitamente grato ao Brazil e tenha enthusiasmos por Floriano, braceje, grite e espume, raivoso, em sua defeza e faça votos ardentes pela sua victoria.

Isso é que custa a comprehender.

Quando se apreciam os actos do tru-

culento dictador, quando se ataca a sua calamitosa administração, quando se apontam os seus erros, quando se demonstra a sua absoluta incapacidade para o cargo a que o elevaram, não se aggride nem se offende a nacionalidade brazileira, tão respeitavel e tão digna como a que mais o seja.

Faz-se critica, exercendo um direito, que ninguem póde contestar e ao qual ninguem se póde oppôr.

Se a attitude e as palavras do proprio Papa são largamente discutidas na imprensa de todo o mundo, porque guardar reserva a respeito de Floriano?

A pessoa de Floriano será porventura mais sagrada que a do chefe da Egreja Catholica?

Não estão sujeitos á critica dos jornaes e não são, de facto, continuamente criticados e, por vezes, tratados com a maior aspereza os soberanos mais poderosos e os estadistas mais eminentes?

Acaso Floriano é a encarnação da patria brazileira para que se considerem inimigos do Brazil os que não perfilham a causa d'esse sombrio tyrannete, os que desejam vel-o apeado e vencido?

Mas no repudio d'essa causa odiosa e na manifestação d'esse desejo justissimo está a melhor prova de amor sincero pelo Brazil.

Nós podiamos retaliar, chamando apaniguados de Floriano e pescadores de aguas turvas aos que nos chamam inimigos e detractores da nação brazileira; não o faremos, porém.

O que queremos é destruir a confusão e deixar bem assente que a hostilidade á pessoa de Floriano Peixoto não é hostilidade ao Brazil e que a livre apreciação do que se passa n'esse paiz, como a dos homens e das coisas dos outros paizes, constitue um direito irrecusavel e indiscutivel.

Estabelecido isto, accrescentaremos,

da nossa parte, que, se lêssemos ou ouvissemos em Portugal um insulto á nação brazileira, se percebessemos que alguem tentava deprimir o caracter do sympathico e generoso povo, que falla, alem dos mares, a nossa lingua, seriamos dos primeiros a protestar, indignados e com a maxima vehemencia.

Para nós o Brazil é uma segunda patria.

Fevereiro — 94.

Typ. da Companhia Nacional Editora — Largo do Conde Barão, 50